

## ELA E ELES

Vai grande o alvoroço nas hostes masculinas portuguesas. Os tradicionais exclusivos de autoridade, competência, discernimento e inteligência nas suas diferentes formas, talento político, e não sei que mais atributos com que o homem abusivamente tem vindo a adornar-se, estão em perigo. E veja-se como era falsa a segurança varonil: bastou que a conjuntura política nacional tivesse feito avançar até à responsabilidade de primeiro-ministro uma mulher, para que os nossos barbados e convencidos homens perdessem o sangue frio. (Em alguns casos, a boa educação).

Maria de Lurdes Pintasilgo tem, para estes patriarcais adões, o primeiro e maior de todos os defeitos — é mulher. Por sua vez, eles supõem-se com a primeira e maior de todas as qualidades — são homens. Ao colocarem assim a questão, não vêem que logo ofendem a inteligência que tanto prezam... desde que ela escolha para tabernáculo o privilegiado cérebro masculino. Se, como é claramente o caso, esta mulher primeiro-ministro é inteligente, reaparecem os arcaicos medos. Persistentes, atravessam todas as idades, até à nossa, «de ouro». Lurdes Pintasilgo é inteligente, logo tem necessariamente de ser perigosa... Sempre os mesmos medos, nefastos e baixos, a transitarem pelo mesmo estreito corredor da ignorância.

Tudo isto deveria dar vontade de rir, e sem dúvida merece algumas gargalhadas. Mas, como o riso é a coisa mais séria deste mundo, também parece justificado que falemos a sério. Que tragédia é a desta cultura e desta civilização predominantemente masculinas, destas regras falsificadas com que os homens têm vindo a jogar na sua relação com as mulheres, para que, colocados diante de um facto natural, ainda que inédito (ser mulher um primeiro-ministro português), reajam da maneira primária e grosseira a que vimos assistindo? Como havemos nós, mulheres, de continuar a acreditar no bom-

-senso dos homens, se, ao primeiro safanão na masculina vaidade, estala o verniz e vêm ao de cima as frustrações.

Enfim, o mundo vai-se transformando devagarinho e Portugal acompanha o movimento. Não somos os últimos em tudo. Maria de Lurdes Pintasilgo é o principal responsável político de um governo. Esta mulher, afirmam-nos alguns homens, é perigosamente inteligente. As coisas que nós temos de ouvir... Para que a mulher fosse reconhecida alma foi necessário reunir um concílio. Será preciso outro concílio para que lhe seja reconhecido, senão a inteligência, pelo menos o direito a ela? E enquanto não vem o concílio, que se há-de fazer as mulheres inteligentes? Cala-las? Manda-las — outra vez — cozer meias? Torna-las alvo de riso, troça e anedota? Ou simplesmente, deixa-las trabalhar, ser gente, mostrar o que aprenderam ou adivinharam durante milénios da mais repugnante exploração a que seres humanos estiveram sujeitos?



Escrevemos este apontamento a 2 de Agosto. Não sabemos ainda o que irá Maria de Lurdes Pintasilgo fazer como política. Mas para além do bom que a sua passagem pelo governo nos traga, e já pelo menos figura e nome de mulher em quem as mulheres podem, enfim, encontrar fraternidade, e, por aí, acharem talvez o seu próprio caminho, a descoberta reconfortante que se pode reduzir numa simples frase: «Afinal as mulheres não são menos do que os homens».

Excepto, evidentemente, aquelas outras mulheres, tão alienadas, tão condicionadas, tão contentes com o pouco que lhes permitem ser — que são elas as primeiras a achar que o lugar da mulher é em casa, no silêncio; a sua acção cívica nula; e escandalizam-se com a nova dignidade que, por este simples facto de ser mulher o primeiro-ministro, a história passou a exigir-lhes.

Isabel da Nóbrega

